

O OLHAR EM TRÂNSITO DO TAUNAY EPISTOLÓGRAFO. Mariele Lourenço Yoshida, Maria Lídia Lichstscheidl Maretti. – Letras – Letras – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

Este trabalho expõe um estudo do livro *Cartas da Campanha do Mato Grosso* (1942), do Visconde de Taunay, que reúne postumamente várias cartas escritas pelo autor a seu pai e sua irmã durante os episódios iniciais da guerra contra o Paraguai. O período em que elas foram escritas é de 1865 a 1866, quando o escritor-soldado esteve incorporado à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, para levar ao governo imperial notícias sobre a atuação do corpo expedicionário brasileiro. Originalmente escritas em francês a seu pai e em português a sua irmã, elas demonstram a visão do escritor sobre o que presenciava ao seu redor, com um olhar abrangente e instrumentalizado. Mas também podemos notar nelas um traço especial: a escrita em francês, indicando não esquecer a origem de sua família, além do pacto feito entre ele e seu pai de sempre se corresponderem. Através deste material epistolográfico de incontestável valor histórico, literário, cultural e documental, podemos, pois, estudar as cartas sob vários ângulos: a partir da consideração das condições discursivas em que foram produzidas, o que inclui o fato de o remetente estar em trânsito e em situação de guerra, além da perspectiva de “estrangeiro” em recantos do país ainda desconhecidos pela elite intelectual brasileira de então, bem como as marcas de estilo que denunciam a intimidade que configura a relação com os destinatários.

Como se sabe, as cartas passaram a existir na literatura a partir do momento em que a viagem passou a ser uma atividade corrente entre os escritores, mas nem sempre foram consideradas como um gênero literário. Agora, com a especial atenção da crítica e da teoria para o gênero epistolográfico, encontramos outra dificuldade: o grande número de cartas publicadas, e de diversos autores, e o proporcionalmente reduzido número de estudos teóricos e de análises sobre as mesmas.

Walnice Nogueira Galvão lembra, em seu ensaio “À Margem da carta” (2000), vários epistológrafos como Kafka, Proust, Madame de Sévigné, por um lado, e, por outro, Fernando Pessoa e Mário de Andrade, entre outros. Através deles, constata que podemos ter nas cartas elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida, fontes de idéias e de teorias não comprometidas pela forma estética e ainda, em certos casos, um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita. Ela também afirma que o estudo das cartas é um *work in progress* e que quem se dedica a ele acaba por tornar-se um aficionado de tudo quanto seja não só carta, mas também memória, diário íntimo, autobiografia etc.

Benoît Melançon, por sua vez, em *Il est interdit de penser par lettre* (1998), afirma que o “fenômeno Sévigné” é portador de uma profunda mutação do imaginário. A carta é por ele definida como um modelo acolhedor, como forma flexível onde tudo pode entrar: a filosofia, a política, as artes, as anedotas, as boas palavras. Mas com um ar de abandono e de felicidade, sendo o primeiro movimento que caracteriza a conversação entre as pessoas de espírito. É na epistolografia que os escritores se expressam a si mesmos e, portanto, talvez seja o suporte mais magnífico da exposição pessoal.

Brigitte Diaz, professora de literatura francesa na Universidade de Caen, escolheu destacar as múltiplas facetas do “gênero” epistolar em sua obra *A epistolografia ou o pensamento nômade* (2002), que explicita brilhantemente os mecanismos da carta: relações complexas unindo o sujeito escritor ao seu destinatário, captura de si e relação com a escrita. A autora se atém mais particularmente nas correspondências da juventude do século XIX, mostrando de que maneira elas representam uma ferramenta de conhecimento e de observação de si mesmo, e principalmente por que razão elas constituem um laboratório vivo de escrita, e em consequência a primeira pedra na construção da obra do futuro escritor.

O termo “pensamento nômade” contido no título nos informa sobre o ponto de vista adotado por Brigitte Diaz para apreender a prática epistolar: para ela, pensamento de si, da sociedade, assim como da literatura se fundem na carta. Pois esta última é o cadinho de um pensamento vivo, livre, de um pensamento que recusa o dogmatismo e que se manifesta pela multiplicidade dos tons, das formas e dos assuntos abordados.

Ao longo dos seis capítulos que pontuam sua obra, e graças ao exemplo de célebres epistológrafos como George Sand, Stendhal ou, ainda, Flaubert, a autora dá conta da formidável

ferramenta de “captura de si” que representa a correspondência, de sua participação na invenção de um estilo; enfim, e sobretudo, de seu estatuto de tribuna literária.

Assim, este livro sobre a epistolografia permite encarar a carta em toda a sua complexidade, como um objeto literário suporte de informações, e não apenas como a história privada do escritor nem como uma simples ferramenta da sociabilidade. Interessando-se pelas correspondências da juventude e questionando clichês de vida longa, Brigitte Diaz nos oferece uma obra esclarecedora sobre as relações entre o epistológrafo e seu destinatário, entre o epistológrafo, sua vida e sua concepção de escrita e sobretudo torna explícito o mecanismo pelo qual o futuro escritor passa da carta à obra. Mas, antes de tudo, graças a esta noção de “nomadismo”, a autora captura a natureza instável e viva da carta, que é verdadeiramente todos os gêneros e que não pára de nos fazer refletir sobre a literatura.

Na verdade, então, quase inexitem estudos teóricos aprofundados sobre a epistolografia em geral e, especificamente sobre este livro de Taunay, é quase certo que não haja nenhum estudo feito, a não ser o “Prefácio” de Afonso de E. Taunay no mesmo livro (1942).

Diferentemente das *Cartas da Campanha - A cordilheira / Agonia de Lopez* (1868-1870), as *Cartas da Campanha do Mato Grosso* têm um caráter pessoal, incidindo sobre a esfera da intimidade, já que são escritas ao pai e à irmã, não se tratando, portanto, de um relatório oficial dos acontecimentos. E parte delas é escrita em francês: sendo de uma família de origem francesa e tendo estudado esta língua, Taunay a usa para estudo e aprendizagem, pedindo sempre orientação a seu pai quanto às regras gramaticais francesas:

Tenho bastante dificuldade a vencer com a concordância dos participios franceses e peço-lhe que me escreva algumas regras sumárias para poder resolver as dúvidas, de vez, para sempre. (TAUNAY, 1942, p. 37). / Suas lições de francês começam a me ser úteis. Risquei o *en qui*; já se compreendia no *dont*. (TAUNAY, 1942, p. 43).

Com estas cartas também podemos conhecer a relação que o escritor tinha com sua família, principalmente com seu pai, a quem escreveu a maioria delas. Sempre procurando corresponder às expectativas paternas e também lhe pedindo conselhos e ajuda, Taunay se mostrava um filho dedicado, como nos exemplos a seguir:

Terá V. a bondade de me assinalar tudo o que lhe parecer bom, sugerir-me idéias para outros assuntos mais importantes a discutir e apresentar. (TAUNAY, 1942, p. 18). / Os seus elogios sobre a minha correspondência me foram muito caros. Recebo como justíssimos os conselhos de suprimir inteiramente a indicação dos nomes. (TAUNAY, 1942, p. 41). / Ainda não copiei nenhum dos modelos que você teve a bondade de me enviar, com as suas cartas. (TAUNAY, 1942, p. 54). / Seu esboço para a fachada da igreja está muito adequado à sua execução. (TAUNAY, 1942, p. 55).

Dos “modelos de cartas” a copiar até a sugestão de suprimir os nomes das pessoas mencionadas, o que, se não alude a uma expectativa de publicação futura das cartas, pode sugerir o perigo do seu extravio em mãos “erradas”, passando pelo acatamento do esboço da fachada da igreja de Campinas, tudo leva a crer que a tradição familiar será mantida, criando uma continuidade de tipo “tal pai, tal filho”, o que já foi observado por Marette (1996).

Podemos observar ainda que os assuntos tratados com o pai são bem diversificados, englobando um considerável conhecimento, acumulado tanto pelo pai quanto pelo filho, e nos remetendo a uma formação clássico-enciclopédica segundo a qual deve-se aprender tudo. Não podemos nos esquecer de que, criado em ambiente culto, Taunay foi um homem muito inteligente e curioso, além de demonstrar conhecimentos em diversas áreas como arte, literatura, música e desenho, além de botânica, zoologia, engenharia, topografia, geografia etc.

As observações e descrições feitas por Taunay em suas cartas constituem, portanto, outro aspecto interessante a ser destacado. Revelando um vasto conhecimento, e sempre disposto a continuar a aprender, ele se mostra atento a tudo o que o rodeia. Vide, a título de ilustração, trechos que se referem às construções e à arquitetura:

São as casas de Franca geralmente velhas e de taipas ou de pau a pique. As ruas embora não calçadas têm sofrível alinhamento e há sofrível nivelamento. (TAUNAY, 1942, p. 72). / A matriz local que é o edifício de maior vulto está em construção que antes em obras. É toda feita com conglomerados de ferro. Desenhei-a a bico de pena. (TAUNAY, 1942, p. 79).

Para o que se refere à vegetação, eis os exemplos, permeados pela sensibilidade pictórica típica da família de pintores e por um conhecimento botânico digno de nota:

O cenário é lindo; no fundo as altas montanhas da Serra do Cubatão, muitos tons verdes diversos, bem iluminados por esplêndida luz. (TAUNAY, 1942, p. 13). / E que magnífica vegetação! De todos os lados cercavam-nos as admiráveis melastomáceas de grandes flores roxas, entremeadas de cássias de flores amarelas, abundantíssimas. Do alto, a perder de vista, pontuavam a mata, serra abaixo, no vale extenso dos rios Cubatão e Branco que acabam desaguardando na baía de Santos depois de cortarem prados de um verde muito intenso. (TAUNAY, 1942, p. 14). / Campos e mais campos, a perder de vista, onde há plantas arbustivas; as cássias e solâneas muito nossas conhecidas das terras de S. Paulo. (TAUNAY, 1942, p. 93-94).

Um outro aspecto que pode ser analisado neste livro é o zelo arquivístico demonstrado pelo escritor, que tem as cartas como documentos, e a partir delas podemos constatar a eficácia da instituição “correio”, apesar da guerra e das faltas de condições da época:

Tenho-lhe escrito sempre e penso que nestes vinte dias despachei para o Rio mais de dez cartas. Recebi de (nome ilegível) dois pacotes que me causaram o maior prazer. O último com a data de 10 mostra que V. ainda não recebera as cartas que de S. Paulo lhe mandei. (TAUNAY, 1942, p. 34). / São-me suas cartas demais preciosas para que as queime como V. me recomenda, na sua última de 30 de abril. (TAUNAY, 1942, p. 40). / Ignoro se o correio entrega todas as minhas cartas e convirá que V. me assinale sempre as que lhe chegarem. Apenas remeto uma, imediatamente a registro no caderninho que Tonton Charles me deu, e do qual não me separo um só momento. Já ele começa a se encher de muita coisa miúda. Assim adquire a certeza de ter a correspondência postada, o que me permitirá não perder ensanchas de escrever. (TAUNAY, 1942, p. 41). / Afinal a nossa correspondência vai muito bem: a numeração prossegue e tenho a esperança de pôr em boa ordem todas as cartas numeradas. O governo acaba de estabelecer um serviço de correio que parece muito regular. De dez em dez dias Drago despachará um estafeta de modo que creio poder mandar e receber notícias de casa. (TAUNAY, 1942, p. 43). / Pelas datas de tuas cartas recebidas julgo que não devemos queixar do correio. Tenho em minhas mãos, numeradas e bem guardadas, as de 5, 10, 14 e 16, 24 e 25 e as últimas de 28 e 30 do mês passado. (TAUNAY, 1942, p. 44). / Sua carta de 5 de julho enviada por Coqueiro chegou-me ontem de manhã e hoje, pelo correio, sua última de 17 de julho. De modo que das suas 3 cartas, das 5 que seguiram diferentes percursos, a primeira que recebi foi a confiada à irregularidade do estafeta. Não posso aliás queixar-me, pois tenho todas as cartas que me foram escritas, como comprova a numeração à margem. (TAUNAY, 1942, p. 80-81).

Estes exemplos, assim como outros que podem ser extraídos do livro, nos indicam que, apesar das condições adversas de produção em que o escritor se encontrava, a maioria das suas cartas chegava até os seus destinatários, assim como ele também as recebia com regularidade, além de, às vezes, presentes de seus familiares.

Uma outra observação possível diz respeito ao conteúdo distinto das cartas escritas pelo autor a seu pai e a sua irmã, para quem, por exemplo, Taunay escreve mais sobre o comportamento em sociedade, sobre as festas que frequenta e as pessoas das cidades por onde passa durante sua expedição:

Noto alguns rostos bonitos, de belas cores e ótimas peles, mas infelizmente contrasta com essas prendas o desleixo pelos dentes. (TAUNAY, 1942, p. 20). / Em Campinas gosta-se muito de música e existem boas bandas de orquestra que tocam excelentes quadrilhas nos bailes. (TAUNAY, 1942, p. 45). / A nossa permanência em Campinas tem sido a mais agradável, já não sei a quantas festas, saraus, jantares e bailes temos assistido. Isto sem contar a jogos de prendas de que, todos, diariamente quase participamos. (TAUNAY, 1942, p. 49).

Quanto às condições de produção do discurso do missivista, lembremo-nos de que ele se encontrava na guerra, em um corpo expedicionário, e por isso sempre em movimento, enfrentando às vezes grandes dificuldades para poder escrever:

Mais ou menos às 4 da tarde atingimos o alto da Serra. A estrada é má, tem muito forte declive e o macadame completamente estragado, cortado de valetas mal feitas e de grande profundidade. (TAUNAY, 1942, p. 15). / Tivemos aí grandes atoleiros a vencer, reveladores de enorme incúria daqueles a quem cabe a conservação da estrada. (TAUNAY, 1942, p. 73). / Até agora nada de notável atrapalhou-nos, a não ser os casos de varíola que nos acompanham desde Campinas, mal trazido do Norte pelo Corpo de Artilharia do Amazonas. (TAUNAY, 1942, p. 97). / A nossa tropa anda mal alimentada: há muita dificuldade para o fornecimento dos soldados. Estas dificuldades aumentam com a distância das nossas bases de abastecimento. (TAUNAY, 1942, p. 133). / Daqui a um mês se completará um ano de nossa partida do Rio, quando contávamos estar de volta em Abril deste 1866. Há aqui geral ansiedade pelo regresso; ninguém que não conte os dias e calcule as vasas e meios de se retirar o mais breve possível. É um estado que nos faz parecer bem comprido o tempo que corre com exasperante lentidão. (TAUNAY, 1942, p. 151).

Em função do exposto, podemos concluir que a obra *Cartas da campanha de Mato Grosso* pode ser estudada a partir das relações que Taunay estabelece com o pai e com a irmã, do fato de parte delas ser escrita em francês, por ser um suporte de registro de observações de vários tipos, compondo uma escrita com traços enciclopedistas, em seu caráter de documento e também considerando as condições de produção em que Taunay se encontrava, de modo a desvendar uma outra faceta do autor de *Inocência*.

Referências Bibliográficas

- BOUNOL, Marine. “L’esprit nomade de la lettre ». Disponível em : <http://www.fabula.org/revue/cr/271.php>. Acesso em 14/12/2005 às 07h00.
- DIAZ, Brigitte. *L’épistolaire ou la pensée nomade* : formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d’écrivains au XIX^{ème} siècle. Paris : PUF, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora*: Estudos sobre cartas. São Paulo: Schwarcz, 2000.
- MARETTI, Maria Lúcia L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- MELANÇON, Benoît (dir). *Penser par lettre* (actes du colloque d’ Azayle-Fenom). Mai 1997. Québec: FIDES, 1998.
- TAUNAY, Visconde. *Cartas da Campanha do Mato Grosso (1865 a 1866)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1942.
- _____. *Cartas da Campanha. A cordilheira-Agonia de Lopez (1869-1870)*. Melhoramentos, São Paulo, 1921.

Bolsa: FAPESP